

CAPS NA COMUNIDADE



A partir do redirecionamento do modelo de assistência à saúde mental, desde 2001, vêm se organizando uma nova forma de estruturação das redes de atenção psicossocial no Brasil. Em Joinville, até o momento, a rede se constitui com quatro CAPS: o CAPS III, CAPS II, CAPS AD, CAPS IJ e um Serviço Organizado de Inclusão Social, o SOIS.

O CAPS II está buscando integrar-se à comunidade, oferecendo possibilidades de esclarecer como o serviço funciona, bem como possibilitando aos usuários que frequentam o serviço a oportunidade de estarem inseridos nos espaços do território e aos usuários do território, a possibilidade de estarem prevenindo agravos à sua saúde mental. Deste modo, a autora propõe o projeto Caps na Comunidade, sugerindo a criação de grupos comunitários na atenção básica (UBSF).

O projeto foi criado inicialmente a partir de certa angústia e inquietação, pois durante muitos anos trabalhando com a reabilitação psicossocial em CAPS, se percebe que o modelo manicomial por vezes se repete, já que atividades extramuros, são pouco exploradas. A experiência desta proposta tem o objetivo de abordar e trabalhar com a saúde mental no território de fato, ou seja, nos bairros onde o indivíduo reside.

Inicialmente é realizada a mobilização da coordenação das unidades de saúde, (pela terapeuta ocupacional e coordenação do CAPS) bem como as equipes por meio de uma reunião onde a proposta é esclarecida. A equipe que sentir afinidade, irá se aproximar da proposta e fazer o levantamento das pessoas da comunidade que possuem o diagnóstico

de transtorno mental e até mesmo as pessoas que são demandantes no serviço, procurando a unidade de saúde com outros sintomas, que podem estar relacionados à somatização no corpo físico, evidenciando a necessidade de se sentirem pertencentes. Um primeiro grupo é realizado, onde é explicada a proposta. Entre os participantes, a terapeuta ocupacional do CAPS, equipe de enfermagem e agentes comunitários de saúde da respectiva unidade e o usuário que recebeu alta do CAPS (morador do respectivo território/bairro) e se dispõe a desenvolver o papel de monitor deste grupo. A modalidade de grupo que seguirá sendo desenvolvida, é definida por seus participantes no decorrer dos encontros, são grupos de convivência que podem utilizar diferentes recursos, como, a livre expressão/fala, atividades de jardinagem, atividades artesanais, atividades físicas e de recreação. Estes encontros podem ser realizados no espaço da UBSF ou outros espaços comunitários.

Na primeira unidade de saúde onde a experiência foi realizada, uma média de 15 participantes frequentam o grupo semanalmente às quintas-feiras no vespertino, e optaram por um grupo de apoio, onde a troca de experiências pessoais norteia a proposta. Estes encontros acontecem em salão paroquial, nas proximidades da unidade. Atualmente, outra experiência acontece em mais uma UBSF e uma agente comunitária se destaca pela afinidade com a proposta, o grupo tem acontecido semanalmente, nas dependências da unidade e os participantes estão desenvolvendo atividades físicas e de consciência corporal, como alongamento e dança.

A experiência continua, novas unidades de saúde seguem sendo motivadas e o principal propósito desta experiência é oportunizar o entendimento da comunidade em geral a respeito do que é saúde mental, trabalhar a prevenção, evitar as recidivas e retorno do usuário de alta para o tratamento no CAPS e romper com o estigma da loucura e do preconceito. Pretende-se também oportunizar ao usuário do SUS, sentir-se pertencente ao seu território, favorecer a formação vínculos, receber apoio, troca de experiências e por consequência, propiciar a melhora da saúde mental, empoderamento e qualidade de vida dos envolvidos.